



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANALINE DA SILVA JUVINO**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO INTERGERACIONAL:  
ATITUDES LINGUÍSTICAS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO**

**GUARABIRA  
2021**

ANALINE DA SILVA JUVINO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO INTERGERACIONAL:  
ATITUDES LINGUÍSTICAS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento de Letras, da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduado em Letras, com  
habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:**  
Sociolinguística

**Orientador:** Prof. Esp. André Luiz  
Souza-Silva

**GUARABIRA  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J97v Juvino, Analine da Silva.  
Variação linguística em contexto intergeracional  
[manuscrito] : atitudes linguísticas a partir do grau de  
escolarização / Analine da Silva Juvino. - 2021.  
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva ,  
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Sociolinguística. 2. Atitudes linguísticas. 3. Grau de  
escolarização. I. Título

21. ed. CDD 306.44

ANALINE DA SILVA JUVINO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CONTEXTO INTERGERACIONAL:  
ATITUDES LINGUÍSTICAS A PARTIR DO GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento de Letras, da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduado em Letras, com  
habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração:  
Sociolinguística

Aprovada em: 29 de setembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

*André Luiz Souza da Silva*

**Prof. Esp. André Luiz Souza-Silva** (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB)

*Luana Anastácia Santos de Lima*

**Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima** (Examinadora interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Danielle dos Santos Mendes Coppi*

**Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi** (Examinadora externa)  
Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB)

Aos meus pais, José Juvino e Maria de Lourdes, por seus incentivos, dedicação, ensinamentos, companheirismo, amizade e por não me deixar perder o foco.  
DEDICO.

*Essa transformação pode ser feita, repito, por meio de um “discurso herético”, destinado a produzir um “novo senso comum” sobre língua e ensino de língua*

*- Marcos Bagno (2014, p. 111)*

## RESUMO

Muito se discute sobre as formas de falar, e o modo de falar é apontado como correto ou errado. Entretanto, a partir dos estudos linguísticos, neste caso, especificamos os estudos da Sociolinguística, entendemos que essas noções de certo e errado são ideias ancoradas em concepções puramente sociais, pois todos falam conforme a maleabilidade do sistema linguístico de sua língua materna e variam essa língua por força de diferentes forças sociais. Desse modo, este trabalho tem o objetivo de analisar as atitudes linguísticas de paraibanos de gerações distintas de uma mesma família, considerando o grau de escolarização. Para tanto, trabalhamos nos trâmites de uma pesquisa qualitativa, com entrevistas em que os membros de uma mesma família são os entrevistados e a partir de suas respostas fazemos uma análise das percepções linguísticas presentes nos discursos desses falantes. Como aportes teóricos, dialogamos com Bagno (2007), Labov (2008), Hora (2011), Kaufmann (2011), Veloso (2014), entre outros, com foco na relação indissociável entre língua e sociedade. Nessa conjuntura, constatamos que os colaboradores não possuem atitudes totalmente positivas ou negativas sobre as maneiras de falar, uma vez que suas atitudes se tornam distintas em relação ao grau de escolarização, mas podem ter atitudes similares a respeito da identidade da linguagem nordestina.

**Palavras-Chave:** Sociolinguística. Atitudes linguísticas. Grau de escolarização.

## ABSTRACT

Much is discussed about ways to talk and the way to speak is pointed like correct or wrong. Thereby, based on linguistic studies, in this case, we specify Sociolinguistics studies we understand that these notions of right and wrong they are not ideas anchored in purely social conceptions, whereas everyone speaks according to the limitations of the linguistic system of your mother tongue and this language varies in virtue of different social forces. Therefore, this work aims to analyze linguistic attitudes of people from Paraíba however the different generations from the same family, considering the level of education. Wherefore, we work at the daring of a qualitative research with interviews in which members of the same family are interviewed and based on their responses we analyze linguistic perceptions present in the speeches of these speakers. In this work, we dialogue with Bagno (2007), Labov (2008), Hora (2011); Kaufmann (2011); Veloso (2014), amongst others, focusing on the inseparable relationship between language and society. The collaborators do not have totally positive or negative attitudes about the ways to speak, being able to see that your attitudes become distinct in relation to the level of education, however they may also have similar attitudes about the identity of the northeastern language.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic attitudes. Schooling degree.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1. SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS</b> .....	<b>8</b>
1.1 <i>O grau de escolarização em foco</i> .....	12
<b>2. REFLEXÕES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS</b> .....	<b>13</b>
2.1 <i>notas sobre a língua(gem) nordestina</i> .....	16
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>18</b>
<b>4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DE ACORDO COM AS ATITUDES DOS COLABORADORES</b> .....	<b>20</b>
4.1 <i>Bloco 1 – Linguagem e identidade</i> .....	21
4.2 <i>Bloco 2 – Linguagem e comunicação</i> .....	25
4.3 <i>Bloco 3 – Avaliação do próprio falar</i> .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>33</b>



## INTRODUÇÃO

A linguagem retrata a identidade dos falantes, pois, a partir do ato de fala é possível observar inúmeros fatores, a exemplo da origem e local de residência da pessoa, do grau de escolaridade, a classe social, o gênero, entre outros. Assim, é possível questionarmos: de acordo com os diversos falantes nordestinos, quais atitudes revelam ser positivas ou negativas em relação às variantes presentes em nossas falas?

As atitudes linguísticas de pessoas que habitam em um mesmo local podem ser semelhantes por causa de suas origens, mas podem divergir em determinadas circunstâncias, pois, apesar de serem residentes de um mesmo local, os falantes têm um nível de escolarização distinto, por exemplo. Dessa forma, por causa dessa variável é possível observar atitudes positivas ou negativas em relação aos sujeitos, assim, também é possível destacar que falantes da região nordeste são alvos de discriminação por terem um léxico que se distancia da marca dos falantes de outras regiões, por exemplo. Então, é a partir da Sociolinguística que se pode examinar essas questões e conceber que o preconceito linguístico se manifesta na sociedade contemporânea.

O objetivo geral deste trabalho é analisar atitudes linguísticas de três falantes de origem paraibana e mesma família, mas que são de gerações diferentes e com níveis de escolaridade também distintos. Temos como objetivos específicos os seguintes: a) identificar a atitude linguística de pessoas a partir de um contexto intergeracional; b) verificar a influência do grau de escolaridade em relação às atitudes linguísticas; c) refletir sobre aspectos que envolvem o preconceito linguístico.

O presente trabalho engloba a concepção teórica da Sociolinguística, pois dentro de seus estudos encontramos as atitudes linguísticas, pode-se verificar que as atitudes passam a observar a percepção que as pessoas têm sobre as variantes existentes numa língua. Para tanto, trabalhamos com as proposições de Labov (2008), Hora (2011), Kaufmann (2011), entre outros.

Este trabalho justifica-se por uma curiosidade a respeito das formas existentes de falar do português brasileiro da Paraíba, especialmente questões dialetais nordestinas, bem como a relação entre a língua e a sociedade. Além disso, a pesquisa é uma contribuição social para a área dos estudos atitudinais,

observando como é puramente social as avaliações negativas de inúmeros brasileiros em relação aos diferentes falares.

Ademais, as noções dos estudos de atitudes linguísticas contribuem para a educação básica, em que os alunos podem aprofundar seus estudos sobre o preconceito linguístico e os efeitos da discriminação pela linguagem, buscando entender como a gramática normativa não é um modelo único de língua, possibilitando que conheçam e valorizem as variedades linguísticas.

Este trabalho tem natureza qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas e organizadas em blocos. Assim utilizamos desse instrumento para coletar dados e a partir deles descrever a percepção dos colaboradores, isso com base em numa abordagem descritiva de caráter interpretativista, a partir do que evidencia Gil (2008) acerca de questões metodológicas.

Este artigo está dividido em seções, após a introdução, temos a Sociolinguística e seus desdobramentos, discutindo alguns aportes teóricos em torno desse campo e direcionando um olhar para a variável grau de escolarização; depois, apresentamos algumas reflexões sobre atitudes linguísticas e notas sobre a língua(gem) nordestina. Feito isso, explanamos o trajeto metodológico para culminar na análise das entrevistas de acordo com as atitudes dos colaboradores, considerando as relações de linguagem e identidade, linguagem e comunicação e a avaliação do próprio falar. Por fim, as considerações finais, seguidas das referências que ancoram nossa investigação.

## **SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS**

A Sociolinguística é uma área ampla que estuda o vínculo entre a língua e a sociedade, dessa forma, suas três principais correntes são: a Dialetoлогия, a Sociolinguística Interacionista e a Variacionista. Dessa forma, a Dialetoлогия analisa a relação entre língua e o espaço geográfico, a Sociolinguística Interacionista analisa a oralidade e a escrita em diferentes áreas sociais e a Variacionista busca detalhar a variação que se manifesta na relação entre língua e fatores extralinguísticos. A sociolinguística em si trata das afinidades existentes entre o uso linguístico e o meio social no qual estão inseridos os falantes.

A prática linguística é inata da sociedade, pois os indivíduos de uma mesma comunidade partilham de uma cultura comunicativa em comum, em

síntese, é inviável pensar a linguística fora do contexto social, pois, como relata Labov (2008, p. 13), “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não é social [...]”, sendo esse autor referência nos estudos da Teoria Variacionista, pois, ele concebe a transformação da língua como parte dos fenômenos da língua em uso.

Segundo Veloso (2014), Penelope Eckert – linguista estadunidense – tripartiu a vertente variacionista em três ondas, ela trouxe uma teoria mais evidente para a terceira onda, retratando o significado do estilo e das questões sociais, buscando demonstrar que o estilo colabora com a formação de um significado social relacionado à variação.

A primeira onda, de acordo com Veloso (2014), remete diretamente aos estudos de William Labov, também chamados de estudos clássicos na vertente variacionista. A teoria Variacionista possibilitou uma importante contribuição no âmbito linguístico. Essa teoria teve um grande reconhecimento, podendo ser vista como a principal teoria sociolinguística, tendo como característica principal o estudo a partir de uma perspectiva de larga escala e com células sociodemográficas extensas.

A segunda onda estuda as variantes dentro de uma determinada comunidade, visando à percepção de um grupo menor no seio da sociedade. Ao comparar a primeira e a segunda onda é possível observar que a segunda não teve a mesma visibilidade que a primeira, - especialmente no Brasil – pois a segunda onda é de cunho etnográfico e retrata as variedades locais das variantes linguísticas. Dito isso, Veloso (2014) aponta para o estudo de Labov na ilha de Martha’s Vineyard (1963), onde averiguou que havia uma variação fonológica na propagação da comunicação dos habitantes da ilha, mostrando através do uso da linguagem o lugar de origem, deixando claro assim que pertenciam àquela ilha.

A terceira onda relaciona-se com os níveis de variação dos sujeitos introduzidos em comunidades de práticas, como indica Veloso (2014) e acrescenta que esta vertente investiga um conceito comum a todos no desempenho estilístico, de modo que a formação identitária resulta de um processo linguístico que transcende de maneira que o indivíduo coordene o

estilo, também considerando a manipulação de questões não linguísticas que possibilitam a construção de uma *persona* (VELOSO, 2014).

Dessa forma, é perceptível que a sociolinguística engloba diferentes questões, tanto sociais quanto identitárias e, assim, os estudos dessas três ondas têm a sua contribuição para a compreensão das questões que envolvem a relação entre língua e sociedade.

No Brasil, apenas na década de 1970, os estudos de Labov sobre as variações foram compreendidos. Labov aprofundou-se nos estudos variacionistas que remetem a questões quantitativas, determinando qual a chance que os indivíduos têm para a utilização de uma determinada variante. Sobre isso, destacamos o seguinte:

[...] o diferente que surge é a proposta quantitativa, como mencionado anteriormente, pautada em um programa estatístico que objetivava apresentar a heterogeneidade linguística em uma comunidade de fala como passível de sistematização. O caos aparente que a língua falada representa é possível ser ordenada. Esse modelo teórico-metodológico, denominado de teoria da variação ou sociolinguística quantitativa, ou sociolinguística variacionista, surge no Brasil para ocupar um espaço e incentivar inúmeros estados que começaram a serem implementados nos anos de 1970 e que têm apresentado resultados muito produtivos (HORA, 2021, p. 19-20).

Os estudos da Dialetoлогия referem-se ao léxico, as diversas variedades tanto regionais, como gramaticais e entre tantas outras pluralidades encontradas no português brasileiro. Os estudos geograficamente ligados ao português do Brasil, (a geolingüística) iniciaram com as bases para elaboração do Atlas linguístico no Brasil, obra de Antenor Nascentes, por meio dessa obra ficou mais viável as formas de se trabalhar nesta área. É o que afirma Hora:

[...] Essa fase da história dos estudos dialetais que tem, como marca identificadora, o início dos estudos sistemáticos no campo da Geografia linguística não fica, porém, ausentes desse período estudos de natureza teórica, produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas (HORA, 2021, p. 27).

No ramo da sociolinguística encontram-se diversos aspectos a serem estudados, por exemplo as reações subjetivas, pois, é muito comum os seres humanos criticarem de forma positiva ou negativa indivíduos desconhecidos, seja por sua fala, aparência, entre tantas outras circunstâncias que possibilitem julgamento.

Tornou-se habitual paraibanos, por exemplo, viajarem para outras regiões, como Rio de Janeiro ou São Paulo, em busca de oportunidades de emprego, porém, nem tudo acontece da forma como se imagina, uma vez que paraibanos são, muitas vezes, alvo de alguns preconceitos, seja por seus aspectos pessoais, a exemplo características físicas, formas de se vestir, de se comportar, ou, principalmente, por seu modo de falar. Nessa direção, ressaltamos que todos os brasileiros falam o mesmo idioma, a Língua Portuguesa, mas cada região tem um dialeto com características específicas.

É possível observar que os sotaques podem ser motivo de ironia por ouvintes de outro estado, pessoas que não possuem um conhecimento acerca de variedades linguísticas, ou até mesmo por recusa a compreender que não é pelo fato de o sujeito ser de uma localidade distinta do território do ouvinte que signifique que este cidadão fale errado. É o que se pode compreender através de Hora, quando retrata os preconceitos linguísticos que por muitas vezes não são caracterizados como preconceito, vejamos a seguir:

Essas atitudes em relação à língua mascaram um preconceito, em nível nacional, que discrimina regiões e pessoas, o que é danoso nas relações pessoais e profissionais, uma vez que afeta a vida da pessoa, tirando-lhe, muitas vezes, boas oportunidades (HORA, 2011, p. 15).

Os preconceitos são mascarados por brincadeiras e quem faz acredita que a vítima não se sinta constrangida ou menosprezada, mas, certos discursos abalam o emocional e acabam gerando insegurança em quem sofre discriminação pela linguagem. Provavelmente, existem pessoas que têm esse tipo de atitude querendo que o interlocutor se sinta inferior em relação a ele, esse é um sério problema que precisa ser combatido, pois todos são iguais, algo garantido pela *Constituição Federal* (1988) no Art. 5º: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Assim, não se pode julgar uma pessoa por seu modo de falar ou por outras questões pessoais que são distintas ao de pessoas que cometem o preconceito.

As línguas funcionam mediante um sistema linguístico, o qual passam por efeitos de padronização linguística (HORA, 2011), retratando no senso comum que existe uma única forma correta de falar, logo, é compreensível que uma

razoável parcela da sociedade acredite apenas nas formas apontadas pela gramática normativa como o único modelo a ser seguido. Como os falantes têm suas identidades linguísticas contestadas, então, julgam o modo que pessoas de sua localidade falam para agradar outrem ou até mesmo mudam suas expressões acreditando que seja errado e vão em busca de outras palavras e expressões que são reconhecidas como corretas, podendo mudar até sua pronúncia para se acomodarem a uma localidade que não é a sua de origem.

Nesse contexto, é importante ressaltar os fatores extralinguísticos que interferem no processo de heterogeneidade linguística, os quais podem ser faixa etária, mercado de trabalho, gênero, origem, redes sociais, grau de escolarização etc., como aponta Bortoni-Ricardo (2004). Desse modo, podemos observar que um forte fator que influencia o preconceito em relação a língua é o grau de escolarização.

### **1.1 O grau de escolarização em foco**

O sotaque e as questões regionais, muitas vezes, são caracterizados como uma forma não-padrão, pois, as variantes regionais são difíceis de serem aceitas por falantes de outras localidades, isso está presente também entre gerações, pois, os jovens ainda possuem um pensamento de que os idosos utilizem uma linguagem atrasada. Contudo, os idosos, por serem de uma geração anterior, utilizam ainda as mesmas gírias que utilizavam na juventude e, com o passar do tempo, algumas delas caíram em desuso, a exemplo das gírias “pão” e “broto” assim, os idosos costumavam chamar rapazes atraentes de “pão” e garotas bonitas de “broto”. Vale ressaltar que essas expressões não são utilizadas pelos jovens de atualmente o que pode acarretar numa falta de compreensão da mensagem.

Essas são questões que se percebe o preconceito com pessoas que utilizam gírias de sua época de juventude, pois, ocorrem várias áreas onde a discriminação está inserida e é bastante corriqueiro ver uma abominação de determinadas partes, onde os sujeitos que possuem um nível escolar mais elevado pretendem por meio de sua fala ou escrita diminuir as pessoas que não têm a compreensão sobre determinadas palavras. É o que retrata Bagno:

Como a educação ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem

do domínio de uma morna culta. Assim, da mesma forma como existe milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhares de pessoas neste país quem não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder são os sem-língua. É claro que eles também falam português, variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, quem no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando português-padrão, o tomam como referência ideal-por isso podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO, 2007, p. 16).

Desse modo, quem mais sofre com esses julgamentos são pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, os que não conseguiram completar seus estudos. A escolarização não é o único fator que interfere no processo linguístico e o Brasil tem um amplo número de pessoas que não tiveram o direito à educação por questões socioeconômicas, assim, alguns julgam que as pessoas que utilizam uma linguagem não-padrão são apenas que não foram à escola e as pessoas que conseguiram estudar são que sabem falar “corretamente”. Desse modo, fica evidente que esses indivíduos não têm conhecimento ou não acreditam nos conceitos acerca da sociolinguística, pois, aprenderam ou só acreditam no que está de acordo com: gramáticas, dicionários, entre outros.

Nessa vertente, constamos que as atitudes presentes na fala de diversas pessoas trazem marcas positivas ou negativas o que pode influir na questão dos preconceitos linguísticos.

## **2. REFLEXÕES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS**

As atitudes linguísticas são estudos que estão ganhando cada vez mais importância. A Sociopsicologia é a área responsável por estudar as atitudes e suas formas teóricas. Na Sociolinguística, é observado o procedimento linguístico com relação à diversidade particular de uma variante para a melhor compreensão das atitudes nesse ramo, pois os diversos falantes utilizam a oralidade como forma de expressão e o seu modo de falar está relacionado ao meio social em que estão inseridos.

Alguns nomes se destacam no desenvolvimento dos estudos de atitudes linguísticas, a exemplo de Göz Kaufmann e Wallace Lambert. De modo geral, entendemos que as atitudes são características psicológicas e sociais

manifestadas pelos falantes de forma negativa ou positiva, conseguindo influir para um ponto comum ou não no processo de aceitabilidade linguística (KAUFMANN, 2011).

As atitudes podem ser assimiladas como uma categoria de composição para resistir de forma conveniente ou até mesmo adversa a uma conjuntura dialogal que consegue estimular uma conduta precisa ou não de acordo com a adaptação de um dialeto, como aponta (KAUFMANN, 2011). Assim, a atitude linguística “é um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada” (KAUFMANN, 2011, p. 122). Dessa forma, o autor também indica que o estudo sobre as atitudes linguísticas não abrangem todos os aspectos precisos no procedimento linguístico, assim, não se pode generalizar as interpretações presentes na área das atitudes para todos os comportamentos linguísticos existentes.

Quando retratamos atitudes linguísticas em meio a um grupo social, pode-se notar que os indivíduos se adequam as atitudes presentes nos grupos em que estão inseridos, pois existe uma grande influência social, então, muitas vezes, percebe-se a semelhança no falar de pais e filhos, grupos de amigos de uma mesma idade, como aponta Kaufmann:

As atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente fatores como a família, o trabalho, a religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam (KAUFMANN, 2011, p. 122).

Ao comparar atitudes e comportamentos não se pode generalizar atitudes gerais a comportamentos específicos, pois, existe um grande número de pessoas em todo o mundo que possuem atitudes preconceituosas, seja pelo modo de se expressar, de se vestir ou pela cor da sua pele, pode haver empresários com esses pensamentos preconceituosos e por mais que não goste do jeito/aparência da pessoa a quem irá lhe ofertar uma vaga de emprego, acaba o ofertando uma oportunidade, visando assim o capitalismo, pois, uma pessoa que já sofre discriminação acaba recebendo um salário um salário inferior ao que merece ter. É o que Kaufmann aborda em relação as



atitudes racistas que são bastante corriqueiras em vinculação a este assunto, vejamos a seguir:

Uma pessoa que desgoste de negros pode, entretanto, acreditar que a contratação deles levará a mais consequências positivas que negativas. Sua atitude em relação à contratação de negros será positiva, e ela pode assim ter a intenção de contratar negros e realmente fazê-lo. (KAUFMANN, 2011, p. 124)

É perceptível que existe uma forte influência na relação entre atitudes e comportamentos, as atitudes são fatores mentais que têm forte influência no comportamento social de cada indivíduo. Assim, é comum as pessoas terem um comportamento sobre determinadas questões sociais de acordo com suas atitudes, as quais podem ser positivas ou negativas, porém torna-se complicado definir com exatidão a razão pela qual as atitudes e os comportamentos podem entrar em divergência. Para tanto, concordamos com o seguinte:

A força da relação entre atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais. Consequentemente, uma mesma atitude pode levar a manifestações que parecem inconsistentes umas com as outras devido ao impacto da mudança de variáveis contextuais. (KAUFMANN, 2011, p.127)

As atitudes estão relacionadas aos comportamentos dos indivíduos, assim, é possível observar as marcas culturais presentes em suas falas, podendo verificar se eles aceitam o meio cultural no qual estão inseridos, é o que retrata LIMA (2019):

A língua exerce fortemente o papel de representação da identidade cultural, de forma que as marcas linguísticas trazidas por um falante, o identifica como pertencente a uma comunidade, bem como revela sua aceitação ou não em ser parte dessa comunidade (LIMA, 2019, p. 93).

Cada pessoa possui sua forma de falar, mas é comum alguns indivíduos terem atitudes negativas em relação ao modo como uma pessoa de uma região distinta a sua fale, o preconceito pode ocorrer em casos em que exista um grau de escolarização distinto também. Hora (2011) demonstra que através de pesquisas são encontradas atitudes definidas e consistentes a respeito das inúmeras formas de falar, é o que retrata neste trecho:

[...] as pessoas podem expressar atitudes definidas e consistentes em relação aos falantes que usam estilos particulares de fala. Sejam as atitudes negativas ou positivas elas são, via de regra, influenciadas pelo processo de padronização nas línguas (HORA, 2011, p.19).

## 2.1 notas sobre língua(gem) nordestina

A região Nordeste tem nove estados e cada estado têm sua marca regional. A Paraíba é um estado que tem uma marca regional muito presente no léxico dos habitantes, por exemplo, quando os nordestinos/paraibanos gostam de algo o nomeiam de “arretado”, quando querem um pedaço de um bolo pedem uma “banda” e assim vamos percebendo a variedade linguística presente no falar de pessoas que habitam em uma determinada região (LOPES, 2010). Temos, desse modo, a variação do tipo lexical, utilizando palavras distintas, por exemplo, mijo, xixi e urina para se referir a uma mesma coisa (BAGNO, 2007).

A pesquisa de Aragão (2020) aborda a relação entre a língua e a sociedade – *Falares Nordestinos: aspectos socioculturais* – retratando o léxico dos falantes nordestinos. Então, ao se referir ao léxico da região Nordeste é possível verificar as marcas regionais, em obras de autores (literatos) nordestinos, especificamente de paraibanos, identificando marcas dos falares do povo paraibano, levando assim em suas obras o modo de se expressarem e as suas expressões culturais. Desse modo, trouxemos uma pequena contribuição do que Aragão (2020) retrata em uma de suas investigações.

Para tanto, mediante o estudo de Aragão junto à obra *A Bagaceira* do paraibano José Américo, identificamos expressões próprias do dialeto paraibano, o que se distingue até mesmo dos falares da região nordeste, pois, cada região possui suas próprias expressões e em cada estado é possível encontrar uma marca regional quase que exclusiva. Nesse sentido, a autora aponta o seguinte: “ao nos voltarmos para a obra, podemos identificar passagens como esta: “Acaitou os olhos e escumava, como juá”, a palavra “acaitou” significa arregalou de acordo com o dicionário de Horácio de Almeida na variante encatitar” (ARAGÃO, 2020, p.70-71).

A região Nordeste tem várias expressões próprias dos falantes que nela habitam, mas os diversos estados nordestinos também têm palavras que são utilizadas apenas entre os residentes do estado, assim, até mesmo as pessoas que fazem parte da mesma região, mas residem em estados distintos podem sentir dificuldade com algumas variantes que são utilizadas em um estado que não seja o seu.

Conforme Aragão (2020), a região Nordeste teve um grande representante para sua cultura, pois o compositor Antônio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré, e que foi um grande produtor da cultura popular, mesmo sendo um cidadão que não teve acesso à escola, produziu obras que marcaram a cultura nordestina. E, em suas obras, estão presentes a marca de sua regionalidade, por exemplo, a palavra “aposento” presente na poesia: *A aposentadoria de Mané do Riachão*, assim “aposento” de forma reduzida/apocopada possui o mesmo significado de aposentadoria. É por meio dessa e tantas outras palavras expressadas por uma linguagem simples, presente nas obras de Patativa do Assaré que são encontrados os léxicos e a marca da cultura popular do sertão nordestino. Essa e outras questões também são retratadas na investigação de Aragão.

De acordo com Montenegro & Tomaz (2019) é retratado o léxico característico da Paraíba. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e com coleta de dados por meio de entrevistas. Na referida pesquisa podemos entender que o léxico é:

[...] entendido como uma entidade abstrata, a tentativa de defini-lo seria uma atividade árdua e complexa. Consideremos, todavia, o conjunto de palavras existente em um determinado idioma por léxico; dessa forma, têm-se por léxico característico da Paraíba o conjunto de palavras internalizadas pelos habitantes (falantes) do estado da Paraíba (MONTENEGRO; TOMAZ, 2019, p. 2817).

Dessa forma, podemos verificar que o léxico está presente de uma forma própria em cada região do país e em cada estado também encontramos uma imensa variedade linguística. Dito isso, destacamos alguns itens e expressões lexicais catalogados por Montenegro & Tomaz (2019): “arengando” (brigar), “buli” (chatear), “oxente” (surpresa, indignação), “pia” (olhar), e “tá com a mulesta” (exagero).

Nesse sentido, por meio da variação e com os diversos léxicos existentes na Língua Portuguesa, ainda se encontra pessoas que não compreendem, acabam julgando e fazendo piadas com as palavras sobre as quais não têm conhecimento por serem indivíduos de outra localização. Tomar cuidado com essas questões é estar atento para o seguinte:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa (BAGNO, 2007, p.9).

A pesquisa de Silva (2016) traz uma análise qualitativa a respeito da variação presente no falar de paraibanos que foram morar em São Paulo. E faz isso por meio de uma entrevista com diferentes colaboradores. Para tanto, selecionamos uma das respostas presente em seu estudo quando ele questiona o seguinte: o que você acha do seu sotaque? Tem algo que não gosta? Você prefere a forma de falar daqui? E tem a resposta abaixo:

Eu acho que meu sotaque é meio mi[s]turado, mas acho que mais paraibano que pauli[j]ta. A única coisa que eu acho que precisava mudar para trabalhar onde trabalho é a altura da minha voz, pois eu falo alto. Acho que é isso o que eu não go[s]tava na forma de falar, porque a gente acaba se passando por mal educado. Não vou mentir que sofri MUITO aqui em São Paulo por ser paraibana, também não posso negar que tive muitas oportunidades e fiz boas amizades. Eu acho o sotaque daqui bonito, os “esses” são bonitinhos, mas a nossa forma de falar é mais bonita. O que eu não go[s]to da forma de falar daqui é a pronúncia do “erre” do interior. Há duas moças que trabalham comigo e são de Rio Claro. MINHA NOSSA! Me dá agonia aqueles “erres” longos (SILVA, 2016, p. 85-86).

Verificamos que a colaboradora tem um desprestígio em relação ao sotaque paraibano, é como se por ser habitante da Paraíba os moradores tendessem a falar alto e assim parecendo mal-educado, também indicando que por ser paraibana passou por preconceitos, mediante sua forma de falar, inclusive.

Em seguida, será detalhado como se deu a metodologia referente a este trabalho e também traremos uma contextualização acerca dos colaboradores.

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho faz-se numa metodologia qualitativa, a qual não precisa de uma fórmula pré-pronta para sua orientação de pesquisadores, sendo aquela que “depende muito da capacidade e do estilo do pesquisador” (GIL, 2008, p. 175).

O trabalho apresenta uma metodologia qualitativa direta, pois, a pesquisa foi elaborada por meio de uma entrevista face a face, tendo caráter interpretativista, pois, a partir de uma conversação foi coletado diversos dados para uma interpretação, uma vez que Gil indica o seguinte:

Classicamente, a interpretação dos dados é entendida como um processo que sucede à sua análise. Mas estes dois processos estão intimamente relacionados. Nas pesquisas qualitativas, especialmente, não há como separar os dois processos. Por essa razão é que muitos relatórios de pesquisa não contemplam seções separadas para tratar dos dois processos. (GIL, 2008. p. 177).

A entrevista ocorreu por meio do aplicativo *Podbean*, o qual permite fazer uma longa gravação, a entrevista com as colaboradoras 2 e 3 foram realizadas em 22 de agosto de 2021 e com o colaborador 1 em 26 de agosto de 2021. Os entrevistados são membros de uma mesma família, sendo uma filha, uma mãe e um avô, que são de gerações distintas e com diferentes graus de escolarização. A entrevista contou com o consentimento de todos, entre eles estão: uma pessoa analfabeta, uma que possui o ensino médio completo e uma que cursou o ensino superior.

Para deixar os entrevistados mais à vontade foram feitas algumas perguntas sobre sua vida pessoal e a relação com os estudos, por meio dessas perguntas ficou claro os motivos pelos quais o colaborador 1 não estudou e as colaboradoras 2 não teve a oportunidade de dar prosseguimento aos estudos, em uma conversa simples foi possível fazer a entrevista, sentiram-se seguros a falar sobre suas vivências. Abaixo, um breve perfil dos colaboradores:

**Quadro 01 – Perfil de participantes**

COLABORADORES	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIZAÇÃO
Colaborador 1	Casado	86 anos	Não alfabetizado
Colaboradora 2	Viúva	57 anos	Ensino médio
Colaboradora 3	Solteira	34 anos	Ensino superior

Fonte: elaborado pela autora

O primeiro colaborador não teve acesso a escola, ele não sabia ler nem escrever, mas sempre teve vontade de aprender, porém, não tinha incentivo de sua família e não podia parar de trabalhar para estudar, pois, desde muito jovem ele trabalhava na roça. Já, a segunda colaboradora é a filha do colaborador 1 e conseguiu ser escolarizada, foi incentivada pelos pais, mas, apesar do incentivo teve dificuldades, pois, seus pais não possuíam estudo e não tinha uma condição financeira que lhe ajudasse a continuar estudando.

A terceira colaboradora vem da geração da mesma família, é filha do colaborador 2 e neta do colaborador 1, possui o ensino superior, teve o apoio

dos seus pais para estudar e sempre gostou de ir à escola, ela é cardíaca desde seu nascimento e por ser muito doente precisava faltar alguns dias as aulas, seu sonho era poder passar o ano inteiro sem ter faltas na escola e só conseguiu cumprir esse desejo quando cursava o ensino médio.

Para entrevistar essas pessoas, organizamos algumas perguntas, as quais foram organizadas em blocos, como expomos abaixo:

**Quadro 02 – Blocos da entrevista**

<i>BLOCO I</i> <i>Linguagem e Identidade</i>	<i>BLOCO II</i> <i>Linguagem e Comunicação</i>	<i>BLOCO III</i> <i>Avaliação do próprio falar</i>
<p>1. Você acredita que existe um jeito de falar que seja feio ou bonito? E por quê?</p> <p>2. E quando se trata de falar certo ou errado, você acha que existe isso?</p> <p>3. Você acredita que existe um jeito nordestino de falar? Poderia me dar exemplos?</p> <p>4. Você considera que esse jeito de falar faz parte da nossa identidade?</p>	<p>5. Você já sentiu dificuldade ao conversar com pessoas de outra região?</p> <p>6. Você já sentiu dificuldade ao conversar com pessoas que têm um nível de escolaridade maior que o seu?</p> <p>7. Entre as pessoas da sua família a interação é acessível?</p>	<p>8. Você gosta da sua forma de falar ou mudaria algo?</p> <p>9. Você já sentiu vergonha pelo modo que você fala? E por quê?</p> <p>10. Já passou por alguma situação em que riram ou criticaram a sua forma de falar? Pode me relatar?</p>

Fonte: elaborado pela autora

Não há identificação dos colaboradores, pois seguimos os critérios de ética na pesquisa, além disso, as respostas de nossos colaboradores foram transcritas conforme as originais.

#### **4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DE ACORDO COM AS ATITUDES DOS COLABORADORES**

Serão analisados os dados das entrevistas as quais foram divididas em três blocos: linguagem e a identidade, linguagem e comunicação e avaliação do próprio falar.

## 4.1 Bloco 1 – Linguagem e identidade

Nossa primeira pergunta aos colaboradores foi a seguinte: você acredita que existe um jeito de falar que seja feio ou bonito? Por quê? Nos foram dadas as seguintes respostas:

**Col. 01:** Sim, tem gente que sabe aplicar as palavras direitinho e tem outros que não sabem, de todo jeito fala, para falar bonito a pessoa precisa falar as palavras certas.

**Col. 02:** Não, depende da expressão de cada pessoa, tem gente que tem mais conhecimento, tem gente que não tem, existe pessoas analfabetas que não sabem conjugar os verbos e não consegue falar bonito.

**Col. 03:** Acredito que cada um fala de acordo com as condições que teve para aprender, mas em relação ao falar bonito vai depender do uso que a pessoa faz da linguagem, pois independente de ser alfabetizado ou não podemos perceber que alguns conseguem transmitir uma mensagem compreensível e acessível a todos, já outros não conseguem passar a mensagem com tanta clareza, assim, a meu ver falar, bonito é quando você consegue se comunicar bem com todos dentro dos contextos em que estão inseridos.

Quando se trata de (01), pode-se afirmar que ele acredita que falar bonito está associado a “aplicar as palavras direitinho” e “falar as palavras certas”, logo, sua crença de um falar bonito tem relação com os padrões de certo e errado, questões que envolvem a gramática normativa e resultam dos efeitos de padronização linguística.

Já para (02), não existe uma forma bonita ou feia de falar, mas, há um pensamento similar a (01), deixando claro que as pessoas para falarem bonito precisam falar as palavras conforme padrões de conjugação, por exemplo, mas reconhece, também, que há pessoas que não têm acesso a esse conhecimento, o qual é ofertado pelas instituições escolares. Desse modo, conforme indica Votre (2015, p. 51) afirma: “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas”.

Depois, (03) apresenta um conhecimento mais amplo sobre o meio social e a linguagem dos indivíduos, pois acredita que para uma pessoa conseguir falar de forma bonita não é necessário ter um conhecimento profundo sobre as regras, quando analisa-se atitudes percebemos a presença das definições da Sociolinguística que englobam língua e sociedade, assim, pode-se observar a semelhança presente na fala da terceira colaboradora, pois ela envolve a linguagem com o contexto social em que o sujeito está inserido e assim mostra

as variáveis de acordo com cada situação social, como as pessoas se expressam com pessoas que possuem uma condição social diferente da sua. Logo, “a força da relação entre atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais.” (KAUFMANN, 2011, p.127).

Vale ressaltar que essa postura da colaboradora (03) resulta de sua formação acadêmica, uma vez que é graduada em Letras/Português, o que certamente influencia em sua maneira tanto de ver a língua como de responder à pergunta. E, também questionamos aos colaboradores se quando se trata de falar certo ou errado, se eles acham que existe isso, e obtivemos as seguintes respostas:

**Col. 01:** Sim, tem quem fala muito certo e tem outros que fala muito errado e acha que tá certo, quem fala errado não sabe aplicar a palavra, olhe, se você me diz uma coisa aqui, qualquer uma coisa que você me diz eu entendo o que você tá dizendo, já tem outro que você diz trezentas vez e ele não entende.

**Col. 02:** Não, cada pessoa fala do jeito que aprendeu e de acordo com o lugar onde vive, de acordo com a condição dela.

**Col. 03:** Não, em relação a isso acredito que existe o adequado e o inadequado porque a linguagem deve ser acessível ao contexto, eu costumo falar para os meus alunos que a linguagem é semelhante a roupa que vestimos, nós não vamos vestidos de qualquer maneira para qualquer lugar, da mesma forma é a linguagem não devemos utilizar qualquer linguagem em qualquer situação.

O colaborador (01) acredita que falar certo tem a ver com o entendimento do ouvinte a respeito do que falante fala, se a pessoa que transmite a mensagem falar de forma simples todos que ouvem sua mensagem conseguirão compreender, mas se a mensagem for transmitida de uma forma que apenas alguns compreendam, haverá pessoas que não conseguirão assimilar o que foi dito.

Já para (02), a partir da relação que existe entre língua e sociedade, acredita que todos falam de modo correto ao contexto social que habitam e a condição que lhes forem favoráveis. Desse modo, identificamos uma atitude que abarca o fator socioeconômico.

A (03) traz uma explicação muito comum a estudantes de ensino básico, pois quando estudamos o ensino médio os professores costumam dizer que a nossa fala deve estar adequada com a pessoa a quem nos dirigimos, se formos falar com um advogado devemos utilizar uma linguagem e quando formos falar com um amigo íntimo não precisamos utilizar a mesma linguagem com que



falamos com um advogado, consegue-se compreender através dessa resposta que devemos estar atentos a contextos de maior ou de maior monitoramento linguístico. Porém, uma pessoa que não conseguiu estudar pode não ter ouvido isso em algum momento de sua vida, assim vemos que esse monitoramento não deixa de estar atravessado pelo que costumam nomear como certo e errado.

Quando começamos a estudar, os professores buscam ensinar uma linguagem formal, encontrada na gramática e é por muitas vezes exposta como único modelo correto de língua. Nessa direção, “estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar” (VOTRE, 2015 p.52).

Então, na resposta de (03), percebemos que reconhece o fator escolarização, os profissionais da área devem ensinar seus alunos de acordo com o que está inserido na gramática normativa, vemos em sua fala a questão do adequado e inadequado que não deixa de estar relacionado às noções de certo e errado, podendo assim ter uma atitude negativa em relação a forma da oralidade que devemos ter com pessoas que possuam um nível alto ou baixo de escolarização, mas também é possível observar que os colaboradores (02) e (03) e suas atitudes a respeito do modo correto ou errado de falar são atitudes positivas, pois não encontramos o preconceito linguístico em suas falas, pois, ainda que possam ter uma idealização de certo e errado, não descartam outras questões como: compreensão daquilo que se deseja comunicar, a influência de questões socioeconômicas e a importância da monitoração linguística.

Entrou em questionamento se existe um jeito nordestino de falar e foram expostos alguns exemplos:

**Col. 01:** Sim, se você chegar no Rio falando as palavras daqui eles não entende nada, se você chega lá e fala me dê um ponteiro aí, eles vão pensar em ponteiro de gaiola, mas o ponteiro aqui é aquela ferramenta que fura as parede.

**Col. 02:** Sim, porque aqui no Nordeste a gente fala mais arrastado, todo mundo conhece o sotaque, a voz do nordestino.

**Col. 03:** Sim, no Nordeste temos um sotaque específico e um dialeto próprio com palavras de uso exclusivo da nossa região que pessoas de outras localidades talvez não tenham conhecimento do significado delas, além de palavras que apresentam distinções de nomenclatura de região para região, como exemplos podemos citar: macaxeira, jerimum, laranja cravo que são assim conhecidas no Nordeste e em

outras regiões apresentam outras denominações; temos também expressões populares: oxente, oxe, fuzuê, aresia, arretado, papel de enrolar prego; e até alguns verbos: arengar, mangar, judiar, entre outros.

De acordo com (01), os nordestinos e as pessoas que habitam em outra região têm um dialeto próprio, com isso, algumas pessoas sentem a diferença presente na fala de indivíduos de outra localidade. Ele cita o exemplo de uma ferramenta utilizada em construções que, na Paraíba, é tipicamente conhecida como ponteiro, mas em outras regiões a palavra ponteiro terá outro significado, lançando mão de um exemplo lexical.

Já para (02), a marca mais identitária do nordestino é o sotaque presente em sua fala o que a colaboradora caracteriza como “arrastado”, assim, pode-se observar que cada região possui um sotaque distinto, uma vez que ela acredita que todo mundo conhece o que ela diz ser “a voz do nordestino”, deixando claro que o falar do nordestino engloba questões fonéticas e fonológicas, sendo uma marca regional que existe no falar desses sujeitos.

A colaboradora (03) acredita que existe um jeito nordestino de falar e exemplifica a partir de registros lexicais, mencionando itens que remetem ao contexto gastronômico, objetos e expressões utilizadas no Nordeste que podem ser reconhecidos por outras palavras em regiões distintas à nossa. Dessa forma, através dessas variantes, pode haver pessoas que julguem a forma de falar de indivíduos de outra localidade e acabam cometendo o preconceito linguístico, uma vez que as “atitudes são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à acomodação de um dialeto” (SILVA; GOMES, 2020, p. 55).

Quando dialogamos a respeito de acreditar que esse jeito de falar faz parte da nossa identidade, os colaboradores responderam o seguinte:

**Col. 01:** Sim, é o jeito da Paraíba, o jeito que você nasceu e se acostumou a falar, porque cada lugar tem seu dizer, tem um estilo, você no Pernambuco e o povo fala diferente, você chega em Campina Grande o povo já não fala do jeito do povo de Guarabira.

**Col. 02:** Sim, porque nós aprendemos assim.

**Col. 03:** Sim, porque a linguagem é uma das principais marcas das diversas culturas existentes no mundo, não só em relação a outros idiomas, todos eles apresentam suas variações e no nosso caso do Nordeste é uma marca identitária sim, porque boa parte dos falantes

nordestinos, senão todos eles, são identificados pela maneira de falar, pelo modo como eles falam, em qualquer lugar do Brasil se tiver um nordestino é reconhecido imediatamente. Em alguns casos por preconceitos, os falantes de outra região possuem preconceito linguístico com o nosso modo de falar.

Aponta (01) que há um “jeito de falar” que remete ao Nordeste, o qual faz parte da nossa identidade, pois é o que foi passado por meio da nossa cultura: “tem um estilo”. Assim, além de cada região, os estados e os municípios também têm a sua própria forma de se comunicar. Já (02) acredita que esse jeito de falar faz parte da nossa identidade porque aprendemos a falar assim, dessa forma, iremos nos acostumar com o que nos foi passado/ensinado e será algo comum para nós falantes oriundos dessa determinada cultura. Por último, (03) vê a linguagem como a marca das diversas culturas e por isso o modo faz parte da nossa identidade, pois, a fala é um modo de identificação.

Dessa forma, vemos que em nossa identidade o sotaque dos falantes é uma marca muito forte e, de acordo com Silva & Gomes (2020), o sotaque de um povo é um ato, uma forma de se identificar, mas quando nos encontramos com pessoas de outras culturas e assim por meio da fala fazemos uma troca de experiências comunicativas, a identidade linguística pode se transformar. Portanto, “o sotaque é a materialização de um povo, e que devido também às trocas interculturais e intersubjetivas, essa identidade linguística pode passar por ressignificações” (SILVA; GOMES, 2020, p. 57).

Desse modo, vemos que (03) relata a forma de falar dos nordestinos e além das variantes existentes no Nordeste, a forma como os nordestinos falam apresenta um sotaque característico de sua região, quando ela fala que “em qualquer lugar do Brasil um nordestino é reconhecido imediatamente”, logo percebemos isso pelas variantes presentes em sua fala ou pelo sotaque em si.

## **4.2 Bloco 2 – Linguagem e comunicação**

Para iniciar o bloco 2, perguntamos se já sentiram dificuldade ao conversar com pessoas de outra região e obtivemos estas respostas:

**Col. 01:** Sim, às vezes ele diz coisa que eu não entendo, pra eles tão falando certo e pra mim ele tá falando errado.

**Col. 02:** Não, eu sempre consegui entender o que as pessoas de outra região falam.

**Col. 03:** Não, as vezes pode aparecer uma palavra que não faz parte da nossa cultura e não temos o conhecimento do significado, mas que

dentro do contexto da conversa podemos sim identificá-la e manter a conversa sem problema na compreensão da mensagem.

O que relata (01) é que, às vezes, tem dificuldades ao conversar com pessoas de outra região, pois, não conhece o significado de algumas variantes, assim ele acredita que a sua forma de falar seja correta ao seu ver, mas que possa ser uma forma errada de acordo com atitudes de um ouvinte de uma região distinta a sua, do mesmo modo ocorre com o falante de uma outra localidade, o colaborador, então, terá atitude negativa em relação a não compreensão em uma interação comunicativa. Assim, a percepção dele de certo e errado não é totalmente associada à gramática, mas à compreensão de trocas comunicativas.

O que explica (02) é que sempre consegue compreender as variantes utilizadas por moradores de outra região. Nesse sentido, podemos compreender que a sua compreensão é resultado do que entendemos como “troca intercultural.”

Já (03) não tem dificuldades na conversação com pessoas de uma outra região, pois, afirma que apesar de existirem inúmeras variantes pelo Brasil e não conhecermos todas, por meio do contexto em que tais variantes estejam inseridas, é possível compreender o significado das palavras desconhecidas por nós.

Ao serem questionados sobre se já sentiram dificuldade ao conversar com pessoas que têm um nível de escolaridade maior que o seu, responderam o seguinte:

**Col. 01:** Não, eu não sinto dificuldade, eu acho bonito as palavras que ele fala, o que ele diz eu acho bonito e o que eu falo errado eles entendem, eu acho que falo errado porque esse povo fala tudo explicado e eu não falo, só falo o que sei, quando falam “comadre” eu não sei falar do mesmo jeito, eu falo “cumade.”

**Col. 02:** Não, eu sempre compreendo o que eles falam e eles também conseguem entender o que eu estou falando.

**Col. 03:** Não, eu sempre busquei prestar bastante atenção no que as pessoas falavam e eu tinha bastante cuidado com o modo que eu também falava para que as pessoas não tivessem um mal entendimento do que eu estava falando e também não gerasse aquele preconceito em relação a minha fala, mas nunca tive problema para falar com alguém de um nível de escolaridade maior não, mas tinha bastante cuidado para ser entendida e entender também.

O (01) relata que não sente dificuldades ao falar com pessoas que estudaram, ele acredita que as pessoas que estudaram conseguem explicar mais as suas frases, também acha muito bonito quem consegue falar as palavras do mesmo modo que são escritas e por não conseguir pronunciar, por exemplo, a palavra comadre do jeito que se escreve e só saber falar “cumade” ele gostaria de falar dessa forma que ele acredita ser tão bela, assim, vemos que por não conhecer a relação entre língua e sociedade possui pensamentos negativos a respeito de sua própria fala.

A colaboradora (02) consegue compreender o que as pessoas com o nível de escolaridade maior que o seu falam e essas pessoas também não encontram dificuldades na conversação com ela, dessa forma, podemos verificar que a comunicação é acessível entre os falantes.

Já (03) também não sente dificuldades ao falar com pessoas que estudaram mais que ela, mas ela tem bastante cuidado com as palavras que utiliza diante das pessoas, pois tem receio de que cometam um preconceito linguístico com o seu modo de falar, lembrando que “o preconceito linguístico tende a ser um preconceito social” (SILVA, 2020, p. 53), dessa forma, as pessoas que o cometem possuem preconceito não apenas com a fala de seus interlocutores, mas com sua condição na sociedade.

Outro questionamento foi o seguinte: entre as pessoas da sua família a interação é acessível?

**Col. 01:** Sim, porque a gente tem intimidade, outra pessoa de fora podia ter dificuldade.

**Col. 02:** É acessível, todos falam da mesma forma, do jeito que todos conseguem entender.

**Col. 03:** Na minha família, a linguagem é bem acessível, a maior parte das pessoas da minha família tem nível médio, algumas têm nível superior, temos também pessoas que não foram alfabetizadas, mas a linguagem é super acessível, a linguagem se adequa a situação e a pessoa, entre a nossa família a gente consegue ter uma linguagem que seja acessível desde a pessoa que não foi escolarizada até a pessoa que tem nível superior.

É explicado por (01) que em sua família, por terem intimidade, conseguem ter uma linguagem acessível a todos, mas se a interação fosse com uma pessoa de fora da família ou uma pessoa desconhecida ele poderia achar difícil, porque entre eles não existiria a mesma intimidade, a atitude do colaborador tem a ver

com suas crenças e por esse motivo ele não teria uma atitude negativa a respeito de sua fala no contexto familiar, mas com desconhecidos ele poderia se sentir retraído, pois poderia pensar que as pessoas fossem julgar seu modo de falar.

A colaboradora (02) explica que em sua família, durante a conversação entre eles conseguem falar da mesma forma, de um modo que todos (escolarizados ou não escolarizados) consigam compreender, assim, vemos que as atitudes dos falantes no contexto familiar podem ser positivas a partir do que a mesma informa, pois utilizam uma linguagem que permite a inclusão de todos os membros para que se sintam à vontade em fazer parte das interações.

Por meio do que a (03) relata, em sua família existem pessoas que não foram escolarizadas e as que conseguiram ter acesso a esse fator, mas a interação entre eles é acessível, pois em uma conversa com os membros da família a linguagem é descontraída e todos conseguem se sentir à vontade ao falar, não sentem-se intimidados, identificamos que essa falante tem a percepção de que aqueles que têm nível superior não utilizam de ações de preconceito linguístico para com as pessoas que não são alfabetizadas, por exemplo.

### **4.3 Bloco 3 – Avaliação do próprio falar**

Sobre sua forma de falar, perguntamos se gostam da sua forma de falar ou mudaria algo e as respostas que obtivemos foram:

**Col. 01:** Não, hoje eu não quero mais mudar nada porque não sei assinar meu nome, agora se eu soubesse assinar meu nome era que eu falava do jeito que o povo fala também.

**Col. 02:** Não, eu acho normal, gosto da forma que eu falo e não queria mudar porque essa forma acredito que seja suficiente e consigo falar da forma que as pessoas entendam.

**Col. 03:** Agora eu gosto, já teve uma época em que eu não gostava porque eu acho minha voz feia, não gosto da minha voz, não tem a ver com o meu sotaque, nem com a minha maneira de falar, o som da minha voz que não é muito agradável aos meus ouvidos quando eu me ouço gravado em algum meio eletrônico, mas o meu modo de falar não me incomoda, eu tenho o maior orgulho de falar arrastado com sotaque paraibano, porque faz parte de mim, faz parte da minha história e eu tenho orgulho de ser do lugar de onde eu sou, eu sou da Paraíba e eu tenho orgulho de falar assim.

O que (01) afirma é que não tem vontade de mudar sua forma de falar agora, mas durante sua vida já teve. Para esse colaborador, a escrita tem maior

validade que a fala. Logo, não há por que querer mudar seu modo de falar se o que a sociedade cobrou dele foi o domínio da escrita e ele não teve como aprender por diferentes variáveis, o que lhe faz ter atitude negativa em relação ao seu falar, ainda que afirme não ter vontade de modificar nada.

A (02) gosta da sua forma de falar e não sente necessidade de mudar nada em sua fala, pois consegue falar de modo que os ouvintes compreendam, vemos que sua atitude em relação à sua forma de falar é positiva, pois se a mesma consegue através da fala se comunicar com todos não há necessidade de modificar.

Por fim, (03) não gosta do som da sua voz, mas gosta do modo como fala e não mudaria nada na sua forma de falar, pois sua fala traz marcas regionais que caracterizam o lugar de onde ela é, ela sente orgulho de ser paraibana e de sua fala ser uma característica do lugar.

Na fala dos colaboradores percebemos que (01) possui atitudes negativas e as (02) e (03) têm atitudes positivas, mas vemos que por possuírem um sotaque regional podem ser julgados, pois principalmente as pessoas que são consideradas estigmatizadas sofrem com preconceitos, é o que retrata Votre: “a forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva” (VOTRE, 2015, p. 52).

Ao serem questionados a respeito de sentirem vergonha pelo modo como falam, obtivemos as seguintes respostas:

**Col. 01:** Tenho demais, porque tenho, quando vejo uma pessoa falar bem explicado, bem direitinho, eu não sei falar e eu não me sinto bem, e eu queria falar conforme a lei manda.

**Col. 02:** Não, por que eu aprendi assim e assim eu sou, não tenho vergonha de falar em lugar nenhum.

**Col. 03:** não, eu nunca senti vergonha, eu já fiquei incomodada algumas vezes pelas pessoas ficarem falando sobre o meu modo de falar, pois pessoas da Paraíba ficaram criticando o meu modo de falar arrastado, eu sou paraibana, eu pertencço a essa comunidade, a essa cultura, então é normal que eu fale assim e por que outra pessoa também paraibana vai me julgar sim ela também tem um certo nível de regionalismo em sua fala.

Segundo (01), ele sente vergonha pelo modo como fala, não se sente bem ao conversar com pessoas que através de sua fala expõem que seguem normas linguísticas tidas como padrão, desse modo, (01) queria falar da mesma forma

que “eles” – usando pronome de terceira pessoa para indicar aqueles que estão fora da interlocução e remetendo a falantes outros que não sua interlocutora – ele associa uma fala explicativa com o falar bem. E ele diz “eu não sei falar bem explicadinho”, logo, ele tem atitude negativa em relação ao seu modo de falar o que o coloca em posição vulnerável socialmente e o distancia de práticas de linguagem com receio de ser mal compreendido.

Relata (02) que aprendeu a falar assim e não sente vergonha, pois, por meio de suas palavras, ela consegue se expressar e as pessoas conseguem compreender o que ela está falando, ela retrata que não sente vergonha de falar em lugar nenhum. Podemos ver que possui uma atitude positiva em relação ao próprio falar e afirma que nas outras regiões em que ela estiver, falará com orgulho e marcando seu sotaque nordestino. Adiante, vemos que (03) afirma não sentir vergonha do modo como fala, mas já foi alvo de discriminação pela linguagem com pessoas da própria região ao falarem a respeito do seu sotaque, sendo alvo de pessoas de atitudes negativas.

As pessoas nordestinas podem relatar que não sentem o preconceito de outras pessoas em relação ao modo que falam, também destacam que não sentem preconceito com seu próprio sotaque, mas existem inúmeros indivíduos que ao verem uma pessoa que tenha um sotaque mais marcado que o seu, vão julgar e tentar intimidar outrem pela regionalidade presente em sua fala.

Ao serem interrogados se já passaram alguma situação em que riram ou criticaram a sua forma de falar relataram o seguinte:

**Col. 01:** Não, eu não percebi ainda, agora, de vez em quando eu levo reclamação porque eu digo uma palavra aí o ‘caba’ diz não é assim, é assim, aí me corrige, ele só faz dizer: olha! A palavra não é essa. Eu acho bom para aprender.

**Col. 02:** Não, eu nunca percebi ninguém rindo ou criticando a maneira como eu falo.

**Col. 03:** Sim, quando eu estava na faculdade, no terceiro ano do curso de Letras, alguns colegas ficaram falando do meu sotaque, por ser bem arrastado e até então eu não havia me dado conta do quão forte é o meu sotaque e a partir desse momento é que fui perceber esse sotaque mais forte em mim, pois eu nunca tinha parado para prestar atenção no meu modo de falar.

O (01) afirma que nunca percebeu alguma crítica sobre sua forma de falar, mas já foi repreendido por falar algumas palavras e outra pessoa não considerou como correta, podemos observar que o colaborador já foi alvo de correção



linguística, mas não identificou postura discriminatória por parte do corretor. Por isso, gostou de ter sido corrigido, pois acredita que com isso ele conseguirá falar do jeito que as pessoas querem que ele fale. Depois, podemos identificar que (02) nunca percebeu pessoas rindo ou criticando a sua forma de falar.

Entretanto, (01) e (02) utilizam da seguinte construção linguística respectivamente: “eu não percebi” e “eu nunca percebi”, posições que nos remetem ao que identificou Morais e Lima (2019) – ao mapear atitudes linguísticas de falantes de Patos-PB – ao apontar que alguns de seus informantes não eram categóricos quando questionados sobre serem alvo de chacota. Assim, “[...] utilizaram uma construção linguística como estratégia de distanciamento da responsabilidade [...]” (p. 91). Os informantes de Morais e Lima responderam: “que eu saiba, não”, “eu creio que não” e “não que eu me lembre”, numa busca de preservação de suas faces. Então, parece-nos que os colaboradores não querem julgar algo cometido por outrem a respeito de suas falas.

Já (03) passou por momentos constrangedores, quando colegas que tinham um nível alto de escolaridade julgaram sua fala (o sotaque) por preconceito, pois esse preconceito foi cometido por universitários, estudantes do curso de Letras-Português. Dessa forma, vemos que os colegas da colaboradora podem pensar que o seu próprio dialeto (sotaque) seja estigmatizado. Podemos observar que esse preconceito ocorre na fala de pessoas que são estigmatizadas, para tal, vejamos o que assinala Votre:

[...] a forma estigmatizada é objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrada como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio (VOTRE, 2015, p. 52).

Muitas vezes, não percebemos que somos vítimas do preconceito linguístico e acreditamos que a correção da nossa fala seja benéfica, mas existem pessoas que fazem isso na tentativa de humilhar ou menosprezar quem tem um dialeto permeado por variantes distintas das suas, principalmente, de pessoas que tenham um nível social inferior, que não foram alfabetizadas ou até mesmo apenas por sua origem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de muito discutir sobre as atitudes linguísticas, entendemos que é preciso conceber um novo senso comum sobre o que é falar corretamente, pois cada sujeito fala de acordo com o meio social, nível de escolarização que tiveram durante sua vida etc. Assim, observamos que cada pessoa apresenta em sua fala uma regionalidade, grau escolar, cultura, meio social que lhes são constituintes. A partir disso, compreendemos que as atitudes linguísticas dos indivíduos se relacionam com suas crenças, manifestando-se de modo negativo ou positivo. Desse modo, existem inúmeras pessoas que possuem atitudes negativas, pois não aceitam as variantes existentes no português brasileiro e julgam como “errado”. Contudo, também existem pessoas que possuem atitudes positivas, pois até os que não tiveram acesso aos meios técnicos não julgam as variedades linguísticas.

Quando vamos à escola, por vezes, professores repassam que as formas gramaticais são os modelos que devemos ter como referência, não trabalham nos arcos da Sociolinguística e, muitas vezes, os estudantes entendem como se as variedades linguísticas fossem erradas.

Observamos que através das análises, as atitudes dos colaboradores não são totalmente positivas ou totalmente negativas, pois possuem suas crenças a respeito das formas de falar, alguns acreditam que essa variedade não é errada e outros gostariam de falar mais “explicado”. Então, o colaborador (01), analfabeto, tem postura mais negativa em relação seu modo de falar, ficando mais distante de (02) e (03), que têm, respectivamente, formação de nível médio e superior. Assim, fica em evidência que os colaboradores, em mesmo contexto familiar, distanciam suas atitudes quando delimitamo-nos ao grau de escolarização, mas em questões que envolvem a identidade da linguagem nordestina, acabam se aproximando. Logo, as atitudes devem ser observadas como um processo e não como um resultado pleno e unívoco (LUCENA, 2017).

O conhecimento sobre a relação entre língua e sociedade é algo valioso, pois a partir dele podemos evitar o preconceito linguístico com as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ou aquelas que utilizam as variantes em suas falas. Assim, os indivíduos que não conhecem essa relação entre língua e sociedade não sofrerão tanto com julgamentos a respeito do seu modo de falar,

é importante compreender que para cada palavra existem inúmeras variantes e isso não quer dizer que quem utiliza as variantes fale errado, as pessoas falam de acordo com questões diversas que não só linguísticas.

Assim, é importante que haja uma exposição maior sobre esses conceitos da Sociolinguística, pois com uma maior visibilidade sobre o assunto podemos diminuir os preconceitos sobre a linguagem. Por fim, esperamos que esta análise contribua aos interessados pela discussão área e que possa contribuir para qualquer um que busque compreender esses aspectos da linguagem. Ademais, que tenhamos empatia e respeito por todas as formas de falar.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. **Acta Semiotica et Lingvistica** (ASEL), João Pessoa (PB), ano 44, v. 25, n. 1, p. 67-81, 2020.

BAGNO, M. Uma gramática propositiva. In: NEVES, M. H. de M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Gramáticas contemporâneas do Português**: com a palavra, os autores. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 91-114.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 186 p. ISBN: 85-15-01889-6.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HORA, D. Variação dialetal e atitude. In: HORA, Dermerval da; NEGRÃO, E. V. (org.). **Estudos da Linguagem**: casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 15-36.

LABOV, W.. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

LIMA, L. A. S. de. Atitudes linguísticas: discussão acerca da língua como representação da identidade cultural do falante. In: LINS, J. Nogueira; LOPES, P. A. Delfino; OLIVEIRA, A. F. Ferreira de (org.). **Linguagem e usos sociais**: práticas linguísticas, literárias e discursivas. João Pessoa: Ideia, 2018, p. 93-108.

LOPES, K. **Nossa língua**: código, linguagens e suas tecnologias. São Paulo: DCL, 2010.

LUCENA, R. M. Um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito da variável “tempo de exposição” em fenômenos de acomodação dialetal. **Revista Gragoatá**, v. 42, p. 100-130, 2017.

MONTENEGRO, A. C. C.; TOMAZ, M. E. L. Léxico Característico da Paraíba: um estudo semântico e etimológico. In: **VII SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2019.

MORAIS E LIMA, P. E. Atitudes linguísticas de falantes do sertão paraibano em relação ao seu próprio falar. In: ATAÍDE, Cleber (org.). **Estudos linguísticos e literários**. São Paulo: Pá de Palavra, 2019, p. 83-94.

SILVA, A. L. S. da. **O pajubá no ENEM**: preconceito e diversidade linguística. 2020. 68 f. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

SILVA, M. R. **Contato linguístico**: atitudes do falar paraibano em São Paulo. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. de A.. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 53-70, 2020.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congresso Internacional Associação De Linguística E Filologia Da América Latina (ALFAL)**, 2014, João Pessoa.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 51-58.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ministrar e conduzir a minha vida, me auxiliando a enfrentar todos os contratemplos que surgiram durante essa jornada, por Ele eu consegui realizar meus objetivos e cheguei até aqui, sei que com Deus chegarei cada vez mais longe, pois Ele tem o melhor para mim.

Também agradeço a Ele por ter reservado o melhor pai aqui na terra para ser o meu, um agradecimento especial ao meu pai, José Juvino, por ter acreditado em mim, me incentivar a estudar e por contribuir para a realização deste projeto, esse sucesso é nosso, sem sua ajuda eu não estaria aqui, mesmo que agora meu pai seja a estrela mais linda que brilha no céu ao lado de Deus sei que está orgulhoso pela filha que ele educou e hoje está realizando o sonho que ele sempre motivou.

Esse agradecimento estende-se a minha mãe, Maria de Lourdes, a mãe mais prestativa e maravilhosa, agradeço por sempre estar ao lado do meu pai contribuindo com toda e qualquer necessidade para a construção de um objetivo que foi idealizado em conjunto. Obrigada por me ensinar a ser quem eu sou hoje, vocês são os grandes responsáveis por esta conquista.

Agradeço a minha irmã, Analice, por me ajudar com seus conhecimentos durante a vida e, principalmente, por sua contribuição nesta longa jornada acadêmica, sua existência é essencial em minha vida. Agradeço também por ter sido a supervisora no projeto PIBID, projeto esse que permitiu o meu primeiro contato com a vida docente, este projeto foi imprescindível e fiz amizades que serão eternas para mim. Estendo esse agradecimento ao meu amigo Marcelo: obrigado por ser o meu companheiro nas aulas e por essa amizade que significa tanto para mim.

Agradeço também ao meu esposo: John Glemeson, por todo incentivo e por acreditar em mim. Você me incentiva a seguir meus sonhos e me tornar uma pessoa cada vez melhor, você faz toda a diferença em minha vida.

Agradeço aos meus avós: Analice e Enoque, por me incentivarem a realizar esse grande sonho, obrigada por tudo.

Agradeço ao meu orientador André Luiz, por toda sua determinação, contribuição e sua forma magnífica de repassar seus conhecimentos, sempre

acreditando em mim, no meu melhor, por sempre conversar comigo sobre o que poderia aprimorar o meu trabalho, obrigada por tanto e por tudo.

Agradeço às professoras Danielle Coppi e Luana Lima por aceitarem participar da banca de avaliação do trabalho final. Danielle, você é uma inspiração desde quando lhe conheci e fui sua aluna no ensino fundamental; e, Luana, obrigada por suas aulas majestosas de Sociolinguística.

Um agradecimento aos grandes amigos que fiz durante o curso: Paulo, por sua generosidade e contribuição nos momentos difíceis, sua amizade é fundamental para mim; Cristina, Eduarda, Prislaine e Janine, por todos os momentos juntas, todas as partilhas de conhecimento que o nosso grupo me oportunizou e por toda contribuição durante esses anos que compartilhamos juntas.

Por fim, não menos importante, agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, pela formação acessível para nós estudantes e grandes sonhadores de futuro melhor.